

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

A RESPEITO DE TRÊS SITES DO MOVIMENTO SOCIAL URBANO “MARCHA DA MACONHA”: ANÁLISE DISCURSIVA DE SUBSTITUIÇÕES SIMÉTRICAS E ORIENTADAS

ABOUT THREE SITES OF URBAN SOCIAL MOVEMENT “MARIJUANA MARCH”: DISCURSIVE ANALYSIS OF SYMMETRIC AND ORIENTED SUBSTITUTIONS

Karine de Medeiros Ribeiro¹

RESUMO: A partir da perspectiva materialista da Análise de Discurso, objetivamos refletir sobre as possibilidades de substituições simétricas e orientadas em uma formação discursiva determinada. Para tanto, analisamos as substituições do sintagma “Marcha da Maconha” e a formas de designação de seus agentes. O *corpus*, heterogêneo, foi recortado nos sites oficiais de três grupos inseridos no movimento social urbano “Marcha da Maconha”.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Marcha da Maconha; substituições simétricas e orientadas.

ABSTRACT: From the materialistic perspective of Discourse Analysis, we aimed to reflect on the possibilities of symmetrical and oriented substitutions in a particular discursive formation. Therefore, we analyzed the substitutions of the phrase “Marijuana March” and the ways of selecting their agents. The heterogeneous *corpus* was selected on the official websites of three groups inserted into the urban social movement “Marijuana March”.

Keywords: Discourse Analysis; Marijuana March; symmetrical and oriented substitution.

1 INTRODUÇÃO

Analisamos substituições simétricas e orientadas em *corpus* produzido em três sites relacionados ao movimento social urbano “Marcha da Maconha”: a) Coletivo Marcha da Maconha Brasil (CMMB); b) Sem semente (SS); c) Growroom (GR)². CMMB é o órgão responsável pela organização e regulamentação do evento no Brasil. SS é uma revista voltada ao

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: maharetrice@hotmail.com. O presente trabalho foi realizado com o apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. Este artigo é resultado das discussões realizadas na disciplina “Introdução à Análise do Discurso”, ministrada pelo Prof. Dr. Sírio Possenti.

² As siglas em parênteses não são adotadas pelos grupos supracitados. Convencionamo-las com a finalidade de simplificar a designação dos grupos na análise.

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

tema, especialmente às manifestações culturais e aos diversos usos da maconha. GR é uma plataforma de ativismo que defende o cultivo caseiro. Os movimentos sociais constituem um modo de organização da cidade e “se formam, em certos momentos, visando certos objetivos, bem determinados na sociedade e na história” (ORLANDI, 2011, p. 4). Em relação a esse movimento social urbano, os três grupos reivindicam a legalização da maconha, inscrevendo-se em uma formação discursiva (daqui em diante, FD) delimitada por um domínio de saber.

A partir de uma perspectiva materialista, a noção de formação discursiva foi desenvolvida por Haroche, Henry e Pêcheux em “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso”, de 1971. De acordo com os autores, uma formação ideológica³ comporta como um de seus componentes

uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam **o que pode e deve ser dito** (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 2007, p. 26, grifo dos autores).

Ao considerarmos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados, isto é, a não-transparência da linguagem e a impossibilidade de que um sentido literal exista “em si mesmo”, ressaltamos que as mesmas palavras, expressões e proposições valem diferentemente de acordo com a FD em que são (re)produzidas e “‘mudam de sentido’ ao passar de uma **formação discursiva a outra**” (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 2007, p. 26, grifo dos autores). Além disso, no interior de uma FD, um sistema de relações de substituição (simétricas ou ancoradas), paráfrases, sinonímias, etc., funciona na materialidade linguística a partir de um processo discursivo inserido em uma condição de produção dada.

Se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se referirem a esta ou aquela formação discursiva, é porque – vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem **um** sentido que lhe seria “próprio” vinculado a sua

³ Uma formação social se caracteriza pelo modo de produção que a domina e por um estado dado pela relação entre classes que a compõe. Tais relações funcionam enquanto práticas e se realizam por meio de aparelhos ideológicos. Às relações de classe “correspondem **posições** políticas e ideológicas, que não constituem indivíduos, mas que se organizam em **formações** que mantêm entre si uma relação de antagonismo, de aliança ou de dominação. Falaremos de **formação ideológica** para caracterizar um elemento suscetível de intervir – como uma força confrontada a outras forças – na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado. Cada formação ideológica constitui desse modo um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a **posições de classes** em conflito em relação às outras” (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 2007, p. 26, grifo dos autores).

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposição de mesma formação discursiva. De modo correlato, se se admite que as **mesmas** palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra, é necessário também admitir que palavras, expressões e proposições **literalmente diferentes** podem, no interior de uma formação discursiva dada, “ter o mesmo sentido”, o que – se estamos sendo bem compreendidos – representa, na verdade, a condição para que elemento (palavra, expressão ou proposição) seja dotado de sentido. A partir de então, a expressão **processo discursivo** passará a designar o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos linguísticos – “significantes” – em uma formação discursiva dada (PÊCHEUX, 1997b, p. 161, grifo do autor).

Na tese *Análise do discurso político*: o discurso comunista endereçado aos cristãos, Courtine reformula a noção de FD, relacionando-a um domínio de saber e a um princípio de aceitabilidade e de exclusão: “O domínio de saber de uma FD funciona como **um princípio de aceitabilidade** discursiva para um conjunto de formulações (determina ‘o que pode e deve ser dito’), assim como um **princípio de exclusão** (determina ‘o que não pode/não deve ser dito’)” (COURTINE, 2009, p. 99, grifo do autor). O conjunto dos elementos do saber de uma FD é instável, em razão das lutas ideológicas e das transformações da conjuntura histórica de uma formação social determinada (COURTINE, 2009).

Nosso arquivo⁴ é composto de 119 sequências discursivas recortadas de 21 textos. O termo **texto** refere-se aqui a um objeto discursivo, linguístico-histórico, que não se reduz a uma construção empírica e não possui uma unidade fechada, pois ele se relaciona com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários) com suas condições de produção e com a exterioridade constitutiva (o interdiscurso) (ORLANDI, 1995). O movimento social “Marcha da Maconha” produz uma série de materiais: escritas que são afetadas pelas novas tecnologias (o digital), por tecnologias que irrompem no espaço público (NUNES, 2013). Empreendendo um gesto de leitura nesse campo heterogêneo de documentos (materiais de divulgação, notícias que relataram o evento no espaço urbano, etc.), nosso recorte busca problematizar os efeitos de sentido do sintagma “Marcha da Maconha” (re)produzido no discurso desses três grupos, considerando que o digital produz efeitos no circuito do processo de significação (constituição/formulação/circulação) e nas formas de organização do movimento social urbano.

⁴ O arquivo é por nós compreendido “como campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (PÊCHEUX, 2010, p. 51). Destacamos que “o arquivo tem um funcionamento opaco que não é apenas o reflexo passivo de uma realidade institucional. O arquivo tem como especificidade oferecer uma leitura da história, com materialidade e memória” (FEDATTO, 2011, p. 32).

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

CMMB

1. Carta aberta à sociedade brasileira.
2. Aviso.
3. Carta de Princípios da Marcha da Maconha Brasil.
4. Modelo de ofício.
5. Convocatória CLAC – 2013.
6. Carta Aberta: segurança e autonomia da marcha da maconha SP.
7. Semana pela legalização da maconha: inscreva a sua atividade.
8. Marcha da Maconha São Paulo: traga o seu bloco!
9. Falta um mês: 30 razões para ir à marcha da maconha.
10. Apoie a descriminalização.
11. Compre a camiseta da marcha da maconha do Rio de Janeiro.

SS

12. A Marcha da Maconha do Rio fez a cidade chorar tanto que quase alagou!
13. Mais fotos da Marcha da Maconha SP 2014.
14. Marcha da Maconha São Paulo: Mais maconha, menos polícia.
15. Algumas fotos da Marcha da Maconha SP de 2014.
16. Néblina no fim da noite na Praça Roosevelt.
17. Cobertura especial sem Semente Marcha da Maconha 2014.
18. O levante dos usuários de maconha medicinal.

GR

19. Apresentação da seção marcha da maconha.
20. Marcha da Maconha do Rio faz fumaça em Ipanema.
21. Rolou Marcha da Maconha Recife e Atibaia.

Reagrupamos as regularidades das subsequências em torno de dois problemas: a) como o sintagma nominal “Marcha da Maconha” é substituído por cada grupo? b) Quem são os agentes da marcha?⁵

Para Michel Pêcheux (1997a), o discurso é definido como efeito de sentidos entre lugares determinados na estrutura de uma formação social. Compreende-se efeito de sentido como “relação de possibilidade de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições) no interior de uma formação discursiva dada” (PÊCHEUX, 1997b, p. 164). Há duas formas de substituição: a de equivalência (possibilidade de substituição simétrica) e a de implicação (possibilidade de substituição orientada ou metonímica).

No percurso teórico de Michel Pêcheux, os dois termos não são trabalhados de forma homogênea. Destacamos, sumariamente, os seguintes aspectos dispersos: em *Análise automática do discurso* (1969), a possibilidade de substituição em certos contextos (sinonímia local, contextual ou “efeito metafórico”) é contraposta à sinonímia não-contextual em que dois grupos de termos são

⁵ Os problemas foram inspirados pela análise que Pêcheux e Wesselius fazem sobre a palavra “luta” (substantivo ou verbo) em panfletos de três organizações estudantis nos meses de maio e junho de 1968. Cf. PÊCHEUX, WESSELIUS, 1977.

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

VOL.10 N.02.24 ED. 2015

sempre substituíveis um pelo outro. No texto “A Propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas” (1975), escrito em coautoria com Fuchs, Pêcheux retifica uma de suas proposições iniciais, ou seja, que “n seqüências de um domínio constituem n formas semânticas equivalentes de uma mesma proposição, no sentido lógico do termo” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p. 211), distinguindo dois tipos fundamentais de substituições sobre as quais nos embasamos (as substituições simétricas e orientadas). Em *Semântica e Discurso* (1975), o primeiro tipo de substituição é relacionado ao “pré-construído” e o segundo as relações de implicação, em termos discursivos, ao “discurso transverso”.

As substituições simétricas marcam a possibilidade de equivalência entre, pelo menos, dois léxicos, sintagmas ou proposições ($A = B$). No interior de uma FD, os dois elementos são compreendidos como sinonímicos. As substituições orientadas pressupõem uma relação sintática entre os dois elementos e designam uma relação de implicação não-sinonímica de um elemento em direção ao outro (p. ex., $A \rightarrow B$). Esta substituição é metonímica, pois estabelece uma relação da parte com o todo (PÊCHEUX, 1997b). Graficamente, as substituições simétricas são representadas por barras verticais ($|$). As substituições orientadas são representadas por flechas (\downarrow) ou por flechas duplas (\updownarrow) quando se marca uma contradição (PÊCHEUX, 2012).

O caráter referencial das designações atua como “um efeito de sentido onde intervêm conjuntamente a sintaxe e fatores semânticos” (HENRY, 1990, p. 51). Por extensão, observamos que a sinonímia ou a metáfora (i.e., tomar uma palavra por outra) se materializam sob a forma de um léxico engendrado por uma estrutura sintática determinada (GADET, 1981).

2 ANÁLISE DAS SUBSTITUIÇÕES SIMÉTRICAS E ORIENTADAS

Historicamente, há uma delimitação do léxico “marcha” em torno de um campo militar⁶. O imaginário universalizante das “marchas” pela “liberdade” é politicamente opaco, determinado por FDs e por posições dos sujeitos: a “Marcha das Vadias” e a “Marcha da Maconha” reivindicam, em lugares sociais e enunciativos diferentes, a “liberdade” dos usos do próprio

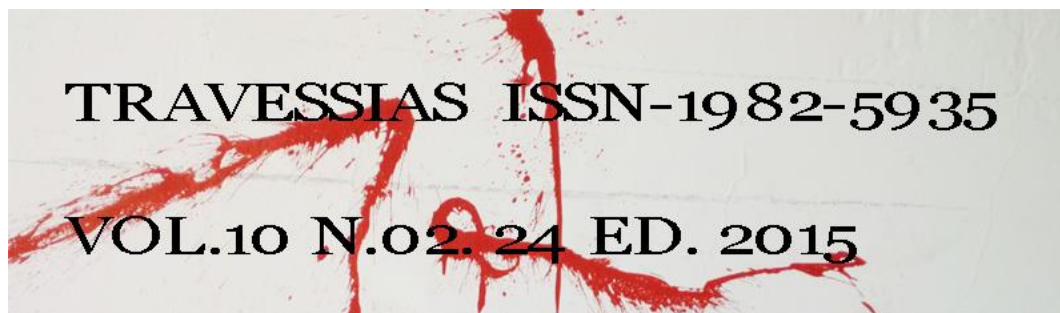
⁶ Cf., p. ex., o capítulo “Os corpos dóceis” em que o termo designa, diferentemente, uma técnica corporal do soldado no século XVII (técnica corporal da honra) e na segunda metade do século XVIII (corpo “fabricado”) (FOUCAULT, 2009).

corpo; já a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” reivindicava a militarização e a moralização como política “anticomunista”. Esses efeitos de evidência, o imaginário de que há um objetivo unívoco e homogêneo nos movimentos sociais urbanos, são desestabilizados discursivamente, pois os sentidos podem sempre tornar-se outros, segundo pontos de deriva possíveis (PÊCHEUX, 2008).

Observamos, por meio de substituições simétricas, que os núcleos dos sintagmas que designam a Marcha da Maconha, nos três sites (CMMB, SS e GR), mantêm uma relação de sinonímia com “manifestação” e “protesto”.

CMMB	<p>Marcha(s) Grupo Caminhada Debate Discussão Festa Luta Manifestação Movimento(s) Movimentação Protesto(s)</p>
SS	<p>Marcha(s) Atividades Evento Espetáculo Manifestação Protesto</p>
GR	<p>Marcha Celebração Evento Manifestação Protesto</p>

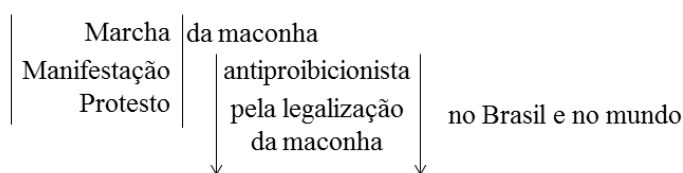
CMMB possui substituições simétricas singulares, tais quais “caminhada”, “discussão”, “luta”, “debate”, “grupo” e “movimentação”. SS e GR apresentam o léxico “evento”, que opera de forma semelhante para os dois grupos, não sendo partilhado por CMMB no *corpus* estudado. As palavras “festa”, “espetáculo” e “celebração” formam uma relação de identidade semântica,



caracterizando a marcha para essa formação discursiva. Obviamente, a textualização das diferentes palavras no fio discursivo produz diferenças de sentido.

A determinação do léxico “Marcha” pelo sintagma “da Maconha” forma uma metáfora (por “violação” da restrição humano/objeto)⁷ que funciona como transferência entre os dois sintagmas, constituindo efeitos de sentido determinados nessa FD. Acrescida a essa visão, em todos os casos observamos a possibilidade de regionalizações territoriais das marchas: “Marcha Mundial da Maconha”; “a articulação das marchas latino-americanas”; “a Marcha da Maconha Brasil”, a “Marcha da Maconha de São Paulo”, etc. Apesar de haver a possibilidade de determinações do sintagma nominal (N1 de N2), as substituições simétricas do léxico “marcha” não podem ser determinadas, sinonimicamente, pelo sintagma “da maconha” (p. ex., “manifestação da maconha”, “evento da maconha”, “caminhada da maconha” etc.) em razão de um princípio de exclusão no interior da FD. Nesse sentido, o sintagma “apologia à maconha ou às drogas” não faz parte do conjunto de formulações possíveis dos três grupos para designar a marcha da maconha, mas é amplamente recorrente em posições antagônicas⁸.

Tendo em vista que “marcha”, “manifestação” e “protesto” mantêm uma relação de equivalência nos três grupos, representamos as determinações no gráfico a seguir:



Neste caso, os efeitos de sentido de “antiproibicionismo” (ideal político da marcha/manifestação/protesto) são engendrados pela sua relação metonímica com o objetivo nuclear dos três grupos, “a legalização da maconha”.

⁷ Cf. GADET, 1981.

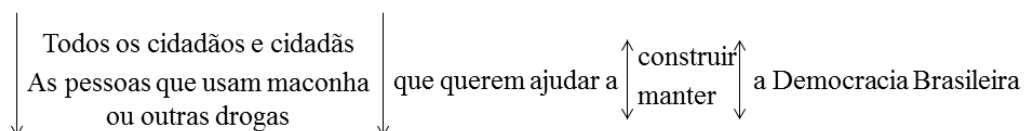
⁸ Um exemplo de posição antagônica é o seguinte trecho da carta do Senador Magno Malta, reproduzido no site *Maconhanão*: “Permitir a realização da denominada ‘marcha da maconha’, sob o argumento da liberdade de expressão é compactuar com uma das maiores manifestações em apologia a condutas criminosas do Brasil”.

TRAVESSIAS ISSN-1982-5935

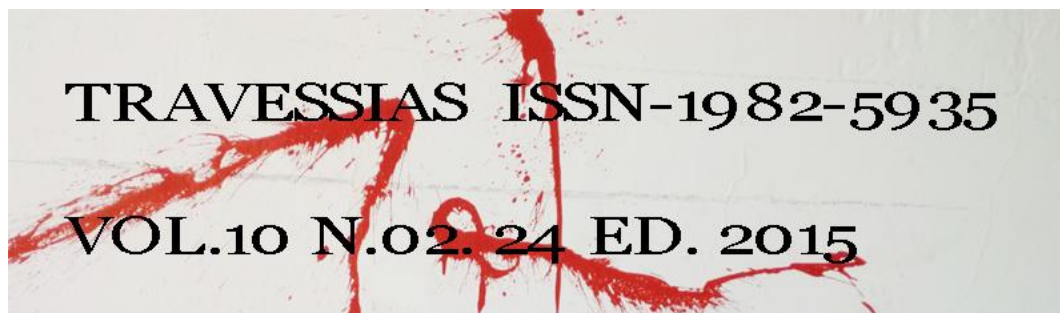
VOL.10 N.02.24 ED. 2015

No tocante aos agentes (quem marcha), há diferenças constituídas em relação à posição particular de cada grupo no interior do movimento social urbano.

Para CMMB, há uma relação metonímica que supõe o todo universalizado (todos os cidadãos/cidadãs) com a parte (“as pessoas que usam maconha ou outras drogas”). Para o grupo, os agentes são conjugados em termos de “exercício da cidadania” e de “construção/manutenção da Democracia”.



Os efeitos de sentido de “construção” e de “manutenção” da Democracia Brasileira não são materializados no discurso de CMMB apenas como uma forma de implicação (de causa e consequência, “construir para, depois, manter”), mas sim de forma tensa e contraditória. “Construir” pode ser compreendido, nessa FD, como algo a ser realizado: assim, a democracia brasileira ainda não teria sido construída, haja vista que existem leis proibicionistas, por exemplo. “Manter”, por sua vez, indica uma estabilidade da Democracia, sustentada pelo imaginário de exercício da cidadania e, particularmente, pela luta antiproibicionista. CMMB se designa como órgão responsável pela organização geral e pela divulgação do evento. O grupo designa os agentes da seguinte forma:

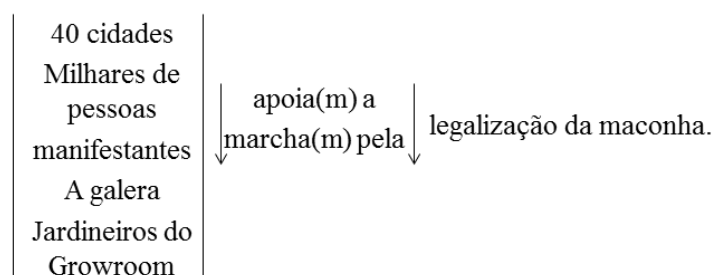


Organizadores locais	são (somos) membros desse Coletivo
Organizadores nacionais	
Apoiadores	
Colaboradores	
Instituições	
Indivíduos	
Manifestantes	
Todos	

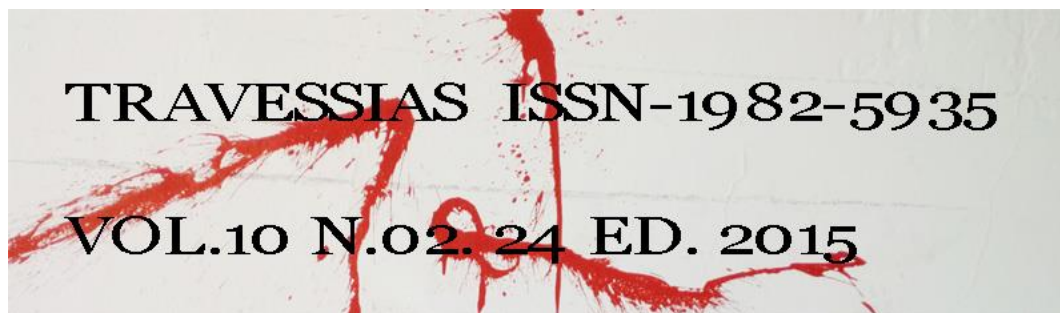
As representações dos membros do Coletivo são colocadas como partes de uma organização, estabelecendo uma relação de sinonímia entre os termos, pelo efeito de anonimato dos integrantes.

Nesse ponto, a posição de CMMB é distinta da de SS. Esta designa os agentes da marcha de duas formas: a) por meio de suas reivindicações “particulares”: “ala medicinal”, “ala psicodélica”, “uma galera que lembra que #NãovairCopa”, “usuários recreativos”, “bravas mães de crianças portadoras de tipos de epilepsia”; b) por meio de um efeito imaginário de unidade e totalidade: “milhares de manifestantes” e “pessoas de todos os tipos e idades”.

Representamos as substituições simétricas e orientadas de GR na paráfrase a seguir:



Os agentes de GR são representados, metaforicamente, por lugares “40 cidades apoiam a/marcham pela legalização da maconha”, assim como há uma textualização do próprio grupo “Jardineiros do Growroom” em face aos outros “manifestantes”. Há também uma substituição



orientada que especifica os agentes como aqueles que apoiam e aqueles que, efetivamente, marcham pela legalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das substituições simétricas e orientadas em sequências discursivas recortadas de *corpus* heterogêneo de circulação no espaço digital, observamos que os três sites (CMMB, SS e GR) do movimento social urbano “Marcha da Maconha”, no interior de uma FD dada, mantêm uma relação de equivalência de efeitos de sentido do sintagma “Marcha da Maconha”, tendo principalmente como substitutos “manifestação” e “protesto”. Em relação aos agentes da marcha, apesar de a palavra “manifestante” ser recorrente nos três, a posição demarcada em cada grupo marca a não homogeneidade das posições no interior dessa FD.

REFERÊNCIAS

COLETIVO MARCHA DA MACONHA BRASIL. Disponível em: <<http://marchadamaconha.org>>. Acesso em 23 abr. 2015.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

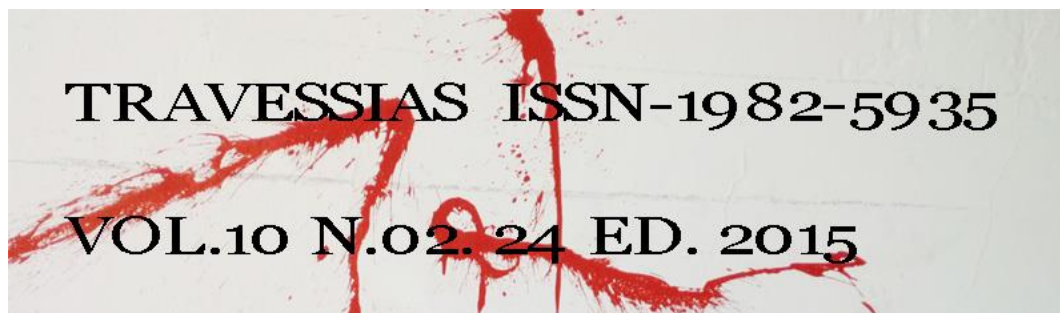
GADET, Françoise. Tricher la langue. In: CONEIN, Bernard ; COURTINE, Jean-Jacques ; GADET, Françoise ; MARANDIN, Jean-Marie ; PÊCHEUX, Michel (Orgs.). **Matérialités discursives**. Nanterre: Lille, 1981. p. 117-126.

GROWROOM. Disponível em: <<http://www.growroom.net/marchadamaconha/>>. Acesso em 23 abr. 2015.

FEDATTO, Carolina Padilha. **Um saber nas ruas**: o discurso histórico sobre a cidade brasileira. 2011. 183 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João, 2007. p. 13-32.



HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. In: **Cad. Est. Ling.**, Campinas, n. 19, p. 43-64, 1990.

MACONHANA O. Disponível em: <<http://maconhano.com.br/index.php?pag=detalhes&codconteudo=159&codmenu=239>>. Acesso em 23 abr. 2015.

NUNES, José Horta. Marchas Urbanas: das redes sociais ao acontecimento. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. **Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 65-84.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Língua, comunidade e relações sociais no espaço digital. In: DIAS, Cristiane. **E-Urbano: sentidos do espaço urbano/digital**, Campinas, 2011, p. 3-10.

_____. Texto e Discurso. 1995. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/download/29365/18055>>. Acesso em 23 abr. 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997a. p. 61-162.

_____. As massas populares são um objeto inanimado? In: _____. **Análise de discurso: Michel Pêcheux: Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012. p. 251-274.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: UNICAMP, 2010. p. 49-59.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2008.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997b.

_____.; WESSELIUS, Jacqueline. A respeito do movimento estudantil e das lutas da classe operária: 3 organizações estudantis em 1968. In: ROBIN, Régine. **História e linguística**. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 265-282.

SEM SEMENTE. Disponível em: <<http://www.sememente.com/marcha-da-maconha>>. Acesso em 23 abr. 2015.